

ASSÍRIA E EGITO EM CONTATO: formas de interação como alternativa para o ensino de História Antiga

Ruan Kleberson Pereira da Silva¹

RESUMO:

Os estudiosos de Antiguidade há décadas destacam o papel imprescindível desempenhado pelo Mar Mediterrâneo para as populações que habitaram seu entorno. Nas últimas décadas, os estudos sobre as rotas, trocas comerciais e culturais no Mediterrâneo Antigo buscaram construir diálogos, promover reflexões e debater de maneira ampla acerca das relações, interações e conexões na Antiguidade. Diante disso, o presente estudo busca refletir sobre a diversidade de relacionamentos e interações estabelecidas entre Assíria e Egito, contribuindo para a formação e a consolidação de uma visão da Antiguidade integrada, diversa, múltipla, servindo como um guia de reflexão dialógico e como um importante viés à produção de propostas pedagógicas para o Ensino de História, sobretudo para o Ensino de História Antiga.

PALAVRAS-CHAVE: Assíria; Egito; Mediterrâneo Oriental; Ensino de História Antiga.

ASSYRIA AND EGYPT IN CONTACT: forms of interaction as an alternative for teaching Ancient History

ABSTRACT:

For decades, scholars of antiquity have highlighted the essential role played by the Mediterranean Sea for the people who lived around it. In recent decades, studies on the routes, commercial and cultural exchanges in the Ancient Mediterranean have sought to build dialogues, promote reflections and debate in a broad manner about the relationships, interactions and connections in Antiquity. In view of this, this study seeks to reflect on the diversity of relationships and interactions established between Assyria and Egypt, contributing to the formation and consolidation of an integrated, diverse, multiple view of Antiquity, serving as a guide for dialogical reflection and as an important bias in the production of pedagogical proposals for History Teaching, especially for the Teaching of Ancient History.

KEYWORDS: Assyria; Egypt; Eastern Mediterranean; Teaching Ancient History.

¹ Doutorando em História – PPGH/UFRN. Membro do MAAT – Núcleo de Estudos de História Antiga (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7999377274305709>. Email: ruankpsilva@gmail.com.

Expansão assíria e o Mediterrâneo Oriental Antigo: a natureza das interações

Os estudiosos de Antiguidade há décadas destacam o papel imprescindível desempenhado pelo Mediterrâneo para as populações que habitaram seu entorno, englobando diversas sociedades antigas europeias, africanas e orientais. Essas questões começaram a aparecer na historiografia do século XXI, estimuladas por problemas presentes no processo de globalização, promovendo a ocorrência de mais estudos sobre as rotas, trocas comerciais e culturais no Mediterrâneo Antigo, buscando construir diálogos, promover reflexões e debater de maneira ampla acerca das relações, interações e fluxos na Antiguidade.

Diante disso, o presente estudo busca refletir sobre a diversidade de relacionamentos e interações estabelecidas entre Assíria e Egito ao longo do processo de expansionismo territorial neoassírio, durante os séculos IX-VII AEC (Lanfranchi, 2000), registradas em fontes documentais de tipologias diversas, sendo indício de um largo processo de conectividade (Wasmuth, 2016), sobretudo nas redes comerciais da costa oriental do Mediterrâneo Antigo (Parpas, 2018), observando essa espacialidade como uma zona de mobilidade e integração (Dezsö; Vér, 2013), que contribuiu para a composição social, política, econômica, cultural e religiosa diversos povos em interação.

Analisar as circunstâncias históricas específicas que fomentaram os contatos e trocas que os assírios estabeleceram com o Egito, sobretudo na rivalidade comercial no Mediterrâneo Oriental Antigo, contribui para a formação e a consolidação de uma visão da Antiguidade integrada, diversa, múltipla, servindo como um importante guia de reflexão dialógico para a compreensão das questões latentes no mundo atual e dos relacionamentos que se estabelecem no interior dele, efetivando-se como um importante viés para a produção de propostas didático-pedagógicas para o Ensino de História, sobretudo para o Ensino de História Antiga.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Para tanto, é preciso levar em conta que o processo de expansionismo territorial neoassírio, iniciado no século IX AEC, foi potencializado pelas transformações implementadas sob o reinado de Tiglath-Pileser III (745-727 AEC), quando o Império Neoassírio transformou as guerras em empreendimentos de conquistas duradouras e restabeleceu a paz imperial. Dentre os principais instrumentos que tornaram isso possível esteve a reorganização do exército e a formação de um exército profissional permanente – denominado *kisir šarrûti*, o “laço da realeza” –, composto por contingentes recrutados nas províncias periféricas e por alguns mercenários e tropas auxiliares que esporadicamente compunham as linhas do exército.

No plano diplomático, o rei reformou a estrutura administrativa e burocrática imperial assíria, visando fortalecer a autoridade real e reduzir os poderes de governadores, pautado em um eficiente sistema de comunicação, ligando metrópole e províncias. As províncias conquistadas eram, sempre que necessário, privadas de seus soberanos e transformadas ou fragmentadas, confiadas a um governador que detinha poderes administrativos, militares, judiciais e financeiros, embora sob vigilância e intervenção direta do governo central. Esses governadores também estavam encarregados de recolher o *madattu*, forma de tributo anual, e de enviá-lo à capital; manter a ordem imperial; supervisionar a execução de obras públicas; recrutar as tropas que comporiam as forças do exército da sua província; e vigiar os reinos e províncias vizinhas hostis à Assíria (Liverani, 2016; Takla, 2008).

Essa política, no entanto, não se restringiu a um mero processo ostensivo de conquistas militares de territórios contíguos, pois a geografia do poder exercida na expansão imperial assíria estabeleceu “ilhas” de controle territorial em zonas periféricas, garantindo o governo indireto da Assíria sob as regiões fora das fronteiras imperiais, criando zonas neutras ocupadas por pequenos reinos e/ou Estados não-hostis ao Império. Para assegurar a efetivação do domínio e da comunicação nas regiões circundantes, a Assíria estabeleceu um sistema de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

corredores interconectando todas as porções do vasto território, mantidas de acordo com os diversos níveis de autonomia em relação ao governo central assírio, pois a natureza do controle imperial era variável e flexível conforme a aplicação dos métodos e usos do poder ao longo da heterogeneidade territorial tanto na capital imperial, quanto nas zonas periféricas (Parker, 2012). De acordo com esse modelo analítico, as províncias estiveram diretamente sob o controle territorial assírio, na medida em que estados vassalos estavam submissos ao controle hegemônico imperial. De outra parte, houveram regiões e estados que mantiveram-se em neutralidade, ou mesmo autônomos em relação à Assíria. Eram considerados estados inimigos apenas aqueles que se opunham diretamente à Assíria, rivalizando pelo poder regional ou por disputas comerciais, mantendo-se hostis e confrontando militarmente o Império Neoassírio.

A consolidação desse *continuum territorial-hegemônico* se deu mediante a relação direta entre exercício de força, estabelecimento do poder e perpetuação da hegemonia assíria. Segundo Parker (2014), retomando as discussões dos estudos em antropologia, deve-se entender o poder como a capacidade de atingir objetivos através da força, coerção, intimidação, pressão ou diplomacia, diretamente relacionado à percepção do poder, não apenas com a ação direta; enquanto hegemonia não implicaria no controle territorial direto, mas referia-se ao controle indireto através da coerção e da persuasão, atuando de forma mais efetiva do que o uso da força na criação e manutenção do Império Neoassírio. Nesses termos, as campanhas reais assírias não foram apenas para derrotar os inimigos, teriam sido demonstrações estratégicas de poder usadas para gerar e perpetuar a hegemonia assíria, reforçado pela prática da “*guerra psicológica*” e da comemoração de vitórias.

Com isso, implementou-se uma “geografia do poder” variável e flexível, na qual a Assíria regulava sua relação com os estados vassalos a partir dos seguintes eixos:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

a) Independência na administração de seus assuntos internos; b) Tolerância religiosa, étnica e cultural; c) Pagamento de tributo regular (*biltu, madattu*) e/ou presentes de audiência ou cerimoniais (*nāmurtu, kadru*), e reembolso de taxas alfandegárias ou de trânsito (*miksū*), bem como participação em campanhas militares assírias; d) Exploração de seus recursos e integração econômica no sistema econômico assírio, e cooperação com os mecanismos de monitoramento e supervisão sempre que necessário; e) Obediência política imposta por coerção, intimidação e interferência militar direta ou indireta; f) Em caso de desobediência inaceitável e insubordinação, eram anexados à rede provincial assíria (Parpas, 2018, p. 34).

O delineamento dessa estrutura de autonomia em relação ao Império Neoassírio ajuda a estipular os graus de equilíbrio ou desavença que se estabeleceram na balança de poder regional, revelando os laços políticos que se faziam com a Assíria, as hostilidades que se praticavam contra ela e os inimigos que almejavam sua derrota para alçar interesses político-econômicos próprios. Isso nos revela, por exemplo, que parte da imagem estereotipada que temos da Assíria – um povo guerreiro, cruel, torturador, devastando os inimigos – se constitui, na verdade, como um grande equívoco historiográfico, uma vez que a destruição total de uma província ou estado hostil – que passaria ao seu controle com a vitória militar – representava uma significativa perda econômica ao próprio Império, que só seria justificada atendendo a necessidade de imposição de uma mensagem política de respeito ao poderio assírio e de seu soberano, ordenando e/ou reequilibrando a estrutura política imperial.

Nesse sentido, as campanhas militares assírias foram empreendimentos cuidadosamente planejados que almejavam consolidar o domínio assírio para além das fronteiras originais do Império Neoassírio dos séculos X e IX AEC, com expedições e conquistas na Ásia Menor e no Mediterrâneo Oriental, alterando a balança de poder regional e as relações comerciais e políticas que se mantinham com o Egito, que passou a praticar uma política de hostilidade contra a Assíria na Palestina e na Síria, como uma estratégia alternativa ao confronto militar direto (Takla, 2008).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Antiguidade Integrada: mobilidade e redes comerciais

A expansão das fronteiras do Império Neoassírio em direção à costa oriental do Mediterrâneo Antigo, à Ásia Menor e ao nordeste da África proporcionou o contato entre assírios e diversos outros povos, oportunizando as condições necessárias para que houvesse transformações políticas, econômicas, sociais e culturais na costa levantina, no nordeste africano e no mundo grego desse período. Acerca dessas relações, Lanfranchi (2000, p. 9-12) aponta a presença de produtos importados do Oriente (incluindo sudoeste da Anatólia, norte da Síria, Chipre, Fenícia e Egito) para o mundo grego (Ásia Menor, Mar Egeu, Creta e Grécia) a partir do século X AEC, aumentando progressivamente durante os séculos IX, VIII e VII AEC, enquanto também se verifica a penetração de cerâmica grega no Oriente, sobretudo nas regiões costeiras siro-fenícias, norte do Levante e em centros no sudoeste da Anatólia, como a Cilícia.

O registro da ocorrência e manutenção do comércio estrangeiro em regiões anexadas pela Assíria atesta o florescimento de uma rede comercial nascente entre Ocidente e Oriente, controlado pelos assírios, que estimulavam o tráfego comercial (incluindo estrangeiro) mediante o controle das rotas de comércio, gerando enriquecimento ao Império Neoassírio (Dezsö; Vér, 2013). Em virtude disso, diversos povos e regiões do mundo antigo estiveram interconectados, tais como o Mediterrâneo Ocidental, a Península Ibérica, o Mediterrâneo Oriental, o Vale do Nilo, a Mesopotâmia, a Ásia Menor, a região do Mar Negro, os Montes Zagros, a Península Balcânica, a Península Arábica e o Levante (Wasmuth, 2016). No interior dessa malha interconectada, gregos, fenícios, egípcios, kushitas, babilônios e assírios mantiveram intensos contatos comerciais e culturais, fazendo do Mediterrâneo Oriental uma área de conectividade significativamente importante ao longo dos séculos VIII, VII e VI AEC. Isso contrapõe a visão equivocada de povos restritos,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

isolados e afastados, em detrimento de uma perspectiva que preconiza os fluxos e os contatos como uma forma de compreensão mais aprofundada.

Nesse cenário, a implementação da lógica do sistema imperial de comércio exterior assírio, após a conquista e consolidação do domínio territorial e hegemônico, controlava as rotas comerciais mais importantes do Oriente Próximo, conectando a Ásia Central, Extremo Oriente, Índia, África, Península Arábica, Anatólia, Mediterrâneo Oriental, Egeu e Mediterrâneo Ocidental (incluindo a costa norte da África, Sicília e Península Ibérica), resultando numa espécie de primeiro “mercado mundial” da história (Dezsö; Vér, 2013, p. 351). O sucesso dessa rede comercial, aliás, esteve diretamente relacionado ao estabelecimento dos entrepostos comerciais assírios – denominados *kāru*², instalados em *bīt kāri*³ – ao longo de todo o Império, interconectando estrategicamente as rotas comerciais mais importantes da época. A partir dos *kāru*, os assírios foram capazes de controlar e até mesmo garantir o exclusivo comercial de bens estratégicos, tais como vigas de cedro, ferro, objetos de valor (metais preciosos, joias, dentre outros) e comércio de escravos (Dezsö; Vér, 2013).

A concorrência vigente por entrepostos comerciais, acompanhada por recorrentes cooperações internacionais nas redes comerciais conectadas, o que incluía esporádicas alianças militares em disputas territoriais e comerciais nevrálgicas, gerou uma competição diplomática pela esfera de influência política regional, criando um processo complexo nas relações geopolíticas da balança de poder internacional, com um quadro de episódios esporádicos de rivalidade comerciais, ou mesmo por disputas em revoltas locais em regiões estratégicas

² Uma rede assíria de centros de comércio e coleta de impostos. Também podem ser entendidos como porto, estação comercial ou cais. Em textos neoassírios, *kāru* também poderia significar a residência do administrador financeiro do distrito, também dito *rab kāri*.

³ Edifícios alfandegários, também podem ser entendidos como os estabelecimentos para onde as mercadorias eram canalizadas e os impostos eram coletados. A estação comercial pode ter sido protegida pela fundação de um assentamento militar ou fortaleza (*duru*).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

político-economicamente, constituindo fenômenos de hostilidade e oposição local e limitada.

Apesar de conflitos restritos e pontuais, as relações estabelecidas entre os assírios e demais povos da costa oriental do Mediterrâneo Antigo foram documentadas em narrativas visuais e textuais de relevos parietais. Essa conjuntura particular é de fundamental importância para compreendermos a própria montagem da estrutura sistêmica imperial assíria, cujo imbricamento envolveu aspectos econômicos, políticos, religiosos, simbólicos e culturais (Silva, 2016).

Assíria e Egito: contatos culturais e trocas comerciais

A formação de uma rede diplomática de trocas recíprocas fundada na retórica da paridade e fraternidade marcou as interações entre as grandes potências da Antiguidade. Nesses termos, a estratégia geopolítica marcada pelo registro de vitórias militares contra povos adversários de significativa importância na balança de poder regional lançou a Assíria como um grande expoente, sendo o Egito, por exemplo, um grande símbolo de vitória que deveria ser reconhecido e respeitado na geopolítica levantina, que funcionava como estado-tampão entre as duas potências políticas emergentes. Cabe ponderar que as relações entre Egito e Assíria foram documentadas desde os tempos da conquista de Gaza no reinado de Tiglath-Pileser III, estendendo a fronteira assíria ao sul do Levante, colocando-se diante da presença mutuamente tangível. Inclusive, é preciso ponderar que “a emergência da Assíria como uma força militar no final da Idade do Bronze Final, quando o Egito ainda era uma grande potência, desenvolveu-se contra e em desafio ao Egito” (Feldman, 2004, p. 143). Entretanto, o cenário direto de hostilidades só foi consolidado após Shebitku, rei kushita que governava o Egito, intervir diretamente na política filisteia, participando de uma coalizão que opôs-se aos interesses assírios

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

no reinado de Senaqueribe. As inscrições de Senaqueribe registraram o confronto da seguinte forma:

Eles (Ekron e seus aliados) receberam ajuda dos reis do Egito, tropas, arqueiros, carros e cavalaria do rei da Núbia, uma força sem número... Nas proximidades de Eltekeh, linhas de batalha foram traçadas na frente de eu... Com a ajuda de Aššur, meu senhor, lutei com eles e causei sua derrota. Os cocheiros e príncipes do Egito, juntamente com os cocheiros do rei da Núbia, minhas mãos pegaram vivos no meio da batalha (Melville, 2006, p. 346).

Esse confronto entre egípcios e assírios na Filístia⁴, em 701 AEC, marcou o início de um período de agressões militares que culminaram com a conquista do Egito e sua integração temporária à Assíria por Esarhaddon, em 671 AEC. Nessa ocasião,

Esarhaddon avançou para o sul do Levante e atacou o Egito, saqueando Mênfis, [sendo] a primeira vez que um governante assírio fez campanha no Egito propriamente dito. Cerca de sete anos depois, em resposta a repetidas revoltas kushitas e após uma campanha inicial no Baixo Egito, o exército de Assurbanipal reinviadiu o Egito, marchando até Tebas, onde, de acordo com relatos assírios, os templos e palácios foram saqueados e seus tesouros trazidos de volta para Nínive. Os assírios estavam em conflito com o Egito há algum tempo, mas esses confrontos sempre ocorreram na Ásia Ocidental, onde os dois estados lutaram pelo controle e influência sobre os pequenos reinos levantinos. Somente depois de Esarhaddon e Assurbanipal a Assíria penetrou no coração do Egito, atacando suas duas capitais tradicionais de Mênfis e Tebas (Feldman, 2004, p. 141).

A invasão ao Egito, inclusive, foi registrada nas inscrições reais da seguinte forma:

(Por uma distância de) trinta 'milhas' de terra, de Apqu, que está situado na região fronteira de Samerîna, até Rapihu, na margem do Riacho do Egito, onde não há rio, deixo as tropas beberem baldes de água tirada de poços com cordas e correntes... Mobilizei os camelos de todos os reis da Arábia e os carreguei com [odres e recipientes de água]. Vinte “quilômetros” de terra, numa viagem de 15 dias, marchei através de dunas [de areia poderosas]. Viajei

⁴ As práticas diplomáticas e outras formas de contato entre Egito e Assíria, entretanto, mantiveram-se vivas e bem no reinado de Senaqueribe, também estiveram nos reinados dos seus antecessores, e continuaram apesar das lutas de poder entre as potências políticas regionais (Zamazalová, 2011).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

quatro 'milhas' de terra sobre pedras de *alume*, *musû* [e outras pedras]; quatro 'quilômetros' de terra, uma jornada de dois dias, pisei repetidamente em cobras de duas cabeças [...cujo toque] é mortal, mas continuei... (Radner, 2008, p. 306–307)

O registro da invasão ao Egito revela um conjunto de adversidades que esse empreendimento exigiu, para o qual houve o emprego de muitos recursos, necessários à conclusão exitosa da campanha (Zamazalová, 2011): registrar textual e visualmente esse evento teria servido como um importante recurso para reforçar a imagem do rei assírio e referendar seu governo perante os deuses e, igualmente, para os povos que estavam sob influência direta ou indireta de seu poder hegemônico. Diante disso, os textos assírios retratavam o rei como instrumento dos preceitos divinos, atuando firmemente para a efetivação de seus desejos na dimensão humana da existência, exemplificado por registros materiais das constantes vitórias militares.

O registro da captura assíria de uma fortaleza no Egito, provavelmente o cerco à Tebas – retratada em arquitetura egípcia com típicas torres em forma de pilone com lados inclinados de onde os soldados egípcios estão lutando –, encontrada no Palácio Norte de Assurbanipal, compunha um importante recurso para referendar a imagem da realeza e o poder hegemônico imperial: expunha o poder de conquista assírio, vitorioso contra potências regionais hostis à realeza. No topo do painel, os soldados assírios são identificados em ataque à fortificação, cujo assédio é feito com o auxílio de escadas, enquanto outros minam as suas paredes e tentam atear fogo ao portão. A vitória na batalha é explicitada pela marcha de prisioneiros, conduzidos ao exílio: os soldados núbios de Taharka são reconhecíveis pelo uso de uma única pena vertical na cabeça, enquanto outro grupo de egípcios nativos caminham com duas crianças montadas em um burro. A procissão de prisioneiros ocorre à margem de um rio contendo muitos peixes e alguns caranguejos.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 1 – Relevo, Palácio Norte de Assurbanipal, Nínive. 645-635 AEC.



Fonte: British Museum, Londres.

Esarhaddon também mandou compor registros iconográficos da campanha contra o Egito no Forte Shalmanaser, por ocasião da restauração de Nimrud ao longo do seu reinado. Embora fragmentados, os tijolos vitrificados registraram uma sequência narrativa de batalha – semelhante àquelas verificadas em relevos parietais – envolvendo o exército assírio (carruagens, cavalaria e infantaria assírias) e os egípcios, uma cena que pode indicar o cerco ou uma batalha campal contra uma cidade egípcia, provavelmente Mênfis – cuja fortificação da cidade apresenta uma torre alta e cônica com um pequeno portão na base e uma linha de muros provida de ameias triangulares no topo –, seguido por prisioneiros escoltados por soldados assírios – que também conduzem o butim de guerra – até a presença do rei, situado em sua carruagem, e da guarda real, que precedem a conclusão da cena com o

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

retrato do acampamento assírio. Os prisioneiros egípcios são reconhecidos por suas cabeças raspadas ornadas com uma pena, reconhecível como característica dos egípcios – embora o uso da pena na cabeça também possa remeter a núbios e líbios, estes últimos se distinguem pelo uso de cabelos encaracolados – nos relevos assírios (Nadali, 2006).

Apesar dos registros das vitórias em batalha, a Assíria manteve uma posição política particularmente interessante em relação ao Egito durante o longo período em que mantiveram contato, como registram as cartas e documentos reais presentes nos arquivos estatais assírios: ou egípcios (e kushitas) são tratados como alvos de coerção, ou são tratados como recurso. Quando alvos de coerção, egípcios (e kushitas em menor grau) são nomeados majoritariamente como inimigos (reais ou potenciais) – *hostis*, devendo ser coagidos –, embora também sejam descritos como súditos, indício do período de domínio assírio no Egito. Já quando são mencionados como recursos, aludia-se ao suprimento divino⁵ (culto assírio à divindade egípcia), humano (funcionários judiciais; homens envolvidos em atividades empresariais; trabalhadores no setor agrícola; especialistas – intérpretes de sonhos (*hartibu*), adivinhos (*bārū*), médicos (*asū*), escribas, funcionários do palácio, mulheres musicistas, servas e concubinas – na corte assíria), animal (predominantemente cavalos enviados para membros e unidades da carruagem e cavalaria assíria) e recursos materiais (ouro, prata, pedras preciosas, roupas luxuosas, “propriedades do palácio”, marfim, incenso e bens de luxo) provenientes de saques e tributos durante a dominação do Egito (Karlsson, 2018).

⁵ Durante o reinado de Esarhaddon, um registro muito fragmentado menciona o “sequestro” da estátua de uma deusa egípcia que, uma vez fundida à uma divindade mesopotâmica, foi venerada na Assíria, apontando um certo grau de respeito e tolerância pela religião egípcia, embora tenha constituído um evento excepcional. O que não se efetivou como evento particular foi o sequestro de estátuas de deuses (*ilu*) e deusas (*ištāru*) como parte do espólio de conquista, como registra o texto da vitória de Esarhaddon contra Taharqa (Karlsson, 2018).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Ainda que tenha sido recorrentemente mencionado como um inimigo hostil ou mesmo como fornecedor de recursos de diversas naturezas, o Egito foi tratado pela Assíria como uma força que demandava respeito e reconhecimento, para o qual não dispensou hostilidades injustificadas, competindo comercialmente em regiões cujo interesse mútuo resultou em rivalidades militares somente quando foi necessário às pretensões geopolíticas regionais, estando expressa nos programas decorativos palacianos a conquista perante um adversário valoroso, elemento que reforçava o próprio caráter da realeza e produzia discursos mnemônicos substanciais sobre a grandeza da Assíria, retratando sua capacidade de subjugar o Egito.

Diante disso, é possível reconhecer que a ideologia real assíria, como expressa nos relevos parietais e inscrições reais, desenvolveu-se tendo como referência a consciência reativa do poder imperial egípcio do Novo Reino, em particular do período Raméssida (Feldman, 2004). Em decorrência disso, os governantes assírios estruturaram visualmente sua expressão de realeza, relativamente em algum grau, em comparação com a expressão real egípcia, uma vez que “certamente, durante o reinado de Assurbanipal, a memória do imperialismo passado do Egito persistiu na retórica dos governantes Kushitas contemporâneos. Estava fisicamente presente nas estruturas ainda de pé dos faraós do Novo Reino que o exército assírio encontrou” (Feldman, 2004, p. 148). Ou seja, é factível que referenciais artísticos egípcios tenham sido considerados por governantes assírios, pois o Egito, como grande presença imperial na Ásia Ocidental, era algo a ser emulado e admirado, ao passo que o Egito, como antagonista do crescente império da Assíria, também deveria ser oposto e distinguido.

Considerações finais

O cenário de relacionamentos e contraposições entre Egito e Assíria compõe o arcabouço que atesta a existência de um império multiétnico, multilinguístico e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

multicultural na Assíria, algo que não obliterou as possibilidades de efetivação de contatos profundos e relacionamentos efetivos entre povos distintos. Esse aspecto nos possibilita pensar sobre problemáticas do presente: o exercício reflexivo sobre o confronto com a diversidade dos povos estrangeiros nos serve para repensarmos o presente, corriqueiramente atravessado por conflitos de mesma ordem e grandezas relativamente variáveis.

Vivendo em um mundo hiperconectado pela globalização, extrapolar as oposições, os conflitos e os afastamentos que nos atravessam, em detrimento dos estudos sobre contatos e trocas culturais que atuaram no interior (e através) de civilizações antigas em interação, pode nos servir como um modo de reconfigurar abordagens integradoras sobre a Antiguidade, tal como um guia de interpretação para o presente, ambos em movimento, em fluxo, em ação.

Desse modo, abordagens pedagógicas que promovam o estudo de períodos históricos da Antiguidade marcados por formas de contato político, militar, social, comercial e cultural devem-se abrir a reflexões que extrapolem as lógicas de oposição e rejeição da alteridade em detrimento de práticas de ensino que preconizem o reconhecimento da diversidade, das interações e do diálogo entre povos antigos, como assírios e egípcios, de modo que sirvam como guia de leitura e ação para o presente das práticas contemporâneas, tão carentes do reconhecimento da equidade e da justiça social.

REFERÊNCIAS

DEZSÖ, T.; VÉR, Á. **Assyrians and Greeks**: the nature of contacts in the 9th-7th centuries BC. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, Budapeste, 2013, v. 53, p. 325-359.

FELDMAN, M. H. **Nineveh to Thebes and Back**: Art and Politics between Assyria and Egypt in the Seventh Century BCE. *Iraq*, v. 66, Nineveh, 2004, p. 141-150. (Papers of the 49th Rencontre Assyriologique Internationale, 2004).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

KARLSSON, Mattias. **Egypt and Kush in Neo-Assyrian State Letters and Documents**. State Archives of Assyria Bulletin, v. 24, 2018, p. 37-61.

LANFRANCHI, G. B. The Ideological and Political Impact of the Assyrian Imperial Expansion on the Greek World in the 8th and 7th Centuries BC. In: ARO, S.; WHITING, R. M. (eds.): **The Heirs of Assyria**. Proceedings of the Opening Symposium of the Assyrian and Babylonian Intellectual Heritage Project Held in Tvärminne, Finlândia, Outubro, 1998. Melammu Symposia I. Helsinki, 2000, p. 7-34.

LIVERANI, M. **Antigo Oriente: História, sociedade e economia**. São Paulo: Edusp, 2016.

MELVILLE, S. C. Sennacherib. In: CHAVALAS, M. W. (Ed.). **The Ancient Near East: Historical Sources in Translation**. Oxford: Blackwell, 2006, p. 342–350.

NADALI, D. **Esarhaddon's Glazed Bricks from Nimrud: The Egyptian Campaign Depicted**. Iraq, v. 68, 2006, p. 109-119.

PARKER, B. J. Hegemony, Power and the Use of Force in the Neo Assyrian Empire. In: DÜRING, Bleda (Ed.). **Understanding Hegemonic Practices of the Early Assyrian Empire**. Leiden: Peeters, 2014, p. 287-299.

PARKER, B. J. Geographies of Power: Territoriality and Empire during the Mesopotamian Iron Age. **Archaeological Papers of the American Anthropological Association**, 2012, v. 22, n. 1, p. 126-144.

PARPAS, A. P. **The Assyrian Empire and Cyprus**. CreateSpace Independent Publishing platform, 2018.

RADNER, K. Esarhaddon's Expedition from Palestine to Egypt in 671 BCE: A Trek Through Negev and Sinai. In: BONATZ, D.; CZICHON, R. M.; KREPPNER, F. J. (Eds.). **Fundstellen: Gesammelte Schriften zur Archäologie und Geschichte Alt Vorderasiens ad honorem Hartmut Kühne**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2008, p. 305–314.

SILVA, R. K. P. da. **Guerra, soberania, ordem e equilíbrio cósmico: representações sociais em relevos neoassírios (884-727 a.C.)**. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, UFRN. 1.v. Natal, 2016.

TAKLA, P. R. **Desenvolvimento do esquema decorativo das salas do trono do período neo-assírio (934-609 a.C.): imagem, texto e espaço como veículos da retórica real**. 1.v. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE, USP. São Paulo, 2008.

WASMUTH, M. The eastern mediterranean area of connectivity in the 8th–6th century BCE — setting an agenda. In: WASMUTH, M.; CREASMAN, P. P. (eds.). **People on the Move: Framework, Means, and Impact of Mobility across the Eastern**

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Mediterranean Region in the 8th to 6th Century BCE. **Journal of Ancient Egyptian Interconnections**, v. 12, 2016. p. VI-XVI.

ZAMAZALOVÁ, S. Before the Assyrian Conquest in 671 B.C.E.: Relations between Egypt, Kush and Assyria. In: MYNÁŘOVÁ, J. (ed.), **Egypt and the Near East: the Crossroads**, Proceedings of an International Conference on the Relations of Egypt and the Near East in the Bronze Age, Prague, September 1-3, 2010. Prague: 2011, p. 297-328.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade